

BIOLOGIA

Calor é determinante na invasão de lagostins-vermelhos em Portugal

Espécie apareceu pela primeira vez nos rios portugueses em 1979.

LUSA e PÚBLICO · 6 de Setembro de 2017, 18:00



Lagostim-vermelho-do-luisiana num arrozal em Samora Correia BRUNO CARREIRA

Ondas de calor mais frequentes e intensas são determinantes na expansão de uma das piores espécies invasoras em Portugal e na Europa, o lagostim-vermelho-do-luisiana, que não é nenhum petisco, segundo um estudo divulgado esta quarta-feira.

O biólogo português Bruno Carreira, em colaboração com colegas do Centro de Estudos Florestais do Instituto Superior de Agronomia e da Universidade de Uppsala (Suécia), chegou à conclusão de que o calor é uma faca de dois gumes para este lagostim, que pode proliferar ainda mais com picos de calor curtos mas definhar com ondas de calor mais longas.

A “invasão” do lagostim-vermelho-do-luisiana (*Procambarus clarkii*) começou nos rios portugueses em 1979, depois de alguns animais

terem escapado acidentalmente de aquaculturas em Espanha para o Sul de Portugal. Colonizaram as bacias do Sado e do Tejo e hoje espalham-se por todo o território português, aproveitando as zonas húmidas, particularmente os terrenos pantanosos onde se cultiva arroz.

PUB

Os danos ecológicos manifestam-se com a voracidade do lagostim, que se reproduz depressa e em grande número, fazendo diminuir a biodiversidade e a oxigenação da água.

O lagostim consegue escavar o leito dos rios para se esconder, podendo cavar túneis com dois metros de profundidade, torna a água mais turva, com o aumento do calor consome mais vegetação, acabando com lugares de esconderijo e postura de ovos de anfíbios. Com o calor, o lagostim aumenta o consumo de plantas e ataca as plantações de arroz, trazendo danos económicos. Além de plantas aquáticas, também se alimenta de moluscos, insectos e mesmo alguns peixes, refere um comunicado da equipa.





Lagostim-vermelho-do-luisiana macho em dispersão terrestre na Serra de Grândola ANDRÉ SANTOS

Ao contrário de Espanha, que liberalizou a apanha de lagostim, permitindo aos agricultores compensar de certa forma as perdas de arrozal, em Portugal o comércio não foi liberalizado.

Trata-se de “uma espécie-chave”, com influência em vários níveis da cadeia alimentar, tanto como predador como presa: pelo caminho foram exterminando os lagostins autóctones, menos fortes, e servem de alimento para as lontras, que no resto da Europa estão ameaçadas, mas que em Portugal têm marisco em abundância.

O principal autor do trabalho, Bruno Carreira, do Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais (cE3c) da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, testou ondas de calor breves e prolongadas, e verificou que as breves favorecem a reprodução do lagostim, que não consegue funcionar em temperaturas abaixo dos dez graus. No entanto, quando as ondas de calor se prolongam, as populações de lagostim perdem peso e não conseguem suportar o stress prolongado de alterações climáticas mais severas. Os resultados foram agora publicados na revista *PLoS ONE*.

“Praticamente todos os arrozais do país têm populações estabelecidas de lagostim-vermelho-do-louisiana, onde a época de crescimento dos lagostins juvenis coincide com a época de

crescimento das plantas de arroz. Assim, uma maior tendência para a herbivoria por parte destes juvenis pode aumentar o consumo da planta de arroz e os impactos económicos deste lagostim”, sublinha também Rui Rebelo, coordenador do projecto e investigador no cE3c, citado no comunicado.

Em relação à hipótese de controlar a expansão da espécie, Bruno Carreira afirma que é impossível, pelos números que já atingiu. Apesar de haver tanta quantidade de lagostins em Portugal, o seu consumo não aumentou por várias razões, principalmente o sabor forte, provocado pela dieta própria de um animal que sobrevive em águas pantanosas. “Tem de ser muito temperado para esconder o sabor ‘lamacento’”, referiu Bruno Carreira, apontando que a qualidade do marisco português não se lhe compara.